

AUGUSTO COMTE E AS ORIGENS DO POSITIVISMO

III

(Conclusão)

E' ao redor da temática da ciência e de sua aplicação social que as idéias de Augusto Comte se desenvolvem. Na ciência alicerça Augusto Comte a sua filosofia, mas é a política a aduela de fecho do seu sistema. E' mister não perder de vista, quando se estuda o positivismo, que esta doutrina recebe uma dupla e pesada herança. Ao desenvolver a herança de De Maistre e de Condorcet, a doutrina de Comte tomou um encargo difícil e contraditório que lhe comprometeria o destino. A conciliação que Augusto Comte, depois de Saint-Simon, tentará estabelecer entre a análise positiva do progresso e a síntese dogmática da ordem, revelar-se-á rica de contradições. E estas, ressaltam, precisamente, na sua política (164). Uma grande paixão iria acentuar ainda mais as dificuldades latentes dessa contradição essencial do positivismo.

Ao terminar o *Curso de Filosofia Positiva*, Augusto Comte anunciara aos discípulos o futuro aparecimento de um novo trabalho, destinado a completar o primeiro. Anciosos, estes esperavam por êle.

Em outubro de 1844, Augusto Comte encontrar-se-ia com a mulher que iria decidir do sentido da última fase de sua doutrina. A influência de Clotilde de Vaux seria decisiva para os destinos do positivismo. A admiração que Comte sempre demonstrara pelo catolicismo, também se faria sentir agora, no momento em que êle transforma o seu sistema numa religião, que muito se assemelha,

(164). — BRUNSCHVICG (L.). — *Le Progrès de la Conscience dans la Philosophie Occidentale*, vol. II, p. 541. Em trecho inserto nesta mesma página, Brunshvicg escreve: "On peut donc dire que le problème à résoudre est un problème d'hérédité mendélienne: l'analyse positive du progrès et la synthèse dogmatique de l'ordre, les deux éléments sont donnés dès le début des Opuscules antérieurs au Cours de Philosophie Positive. Mais il arrive qu'à travers le développement du Cours, les deux éléments échangeront leurs rôles réciproques d'élément dominant et d'élément récessif. Le positivisme analytique de la philosophie mathématique et physique fera place, à son contraire, au positivisme synthétique de la biologie et de la sociologie. L'émule de d'Alembert et de Condorcet, formé à l'école classique de Lagrange et de Joseph Fournier, s'abandonne à l'inspiration de Burdin et de Joseph de Maistre; il finit par mettre la couronne impériale sur la dernière venue des disciplines encyclopédiques; de telle sorte que la physique sociale, après avoir reçu l'appellation positive de sociologie, rétrograde vers l'ère métaphysique, puis vers l'ère théologique, dégénérant en sociocratie et en sociolatrie."

nas fórmulas e na disciplina, ao catolicismo (165). E' certo que desde os *Opúsculos* já se assinalava a *aptidão* do positivismo para uma síntese da qual poderia resultar o estabelecimento de uma verdadeira religião. Mas o que decidia do advento da Religião da Humanidade, seria, além da admiração que o catolicismo inspirava a Augusto Comte, a sua paixão por Clotilde. Foi essa paixão o fator decisivo para o advento de uma religião eminentemente social e política como é a Religião da Humanidade. A feição mística que esta assumiu, foi devida à "Mulher divina que êle proclamou sua Colega, Inspiradora, bem como seu Juiz Supremo" (166).

A mulher, divinizada na figura de Clotilde, terá uma importante missão no positivismo (167). "Se a nova filosofia não pudesse obter tal apóio (o das mulheres), ela deveria renunciar (à pretensão) de *substituir a teologia* (168) no seu antigo ofício social. A teoria fundamental do positivismo, — diz Augusto Comte — garante a *aptidão* feminina do positivismo, ainda mais diretamente que a sua eficácia popular. Porque o seu princípio fundamental, a sua maneira de conceber e de tratar o grande problema humano, apenas oferece uma consagração sistemática das disposições que caracterizam espontaneamente as mulheres (169). A influência sentimental da mulher tem assim, considerável importância na doutrina de Comte, como tivera na sua própria existência (170). Só pelo exemplo feminino, modelo de amor e devotamento, na opinião de Comte, — é que o sentimento de solidariedade social poderá progredir. Do mesmo modo que Clotilde influenciou sobre o pensamento de Comte, assim também as mulheres saberão exercer a sua influência para a regene-

(165). — Cf. CH. DE ROUVRE, *ob. cit.*, p. 57.

(166). — TEIXEIRA MENDES (R.) — *O Ano Sem Par*, p. X.

(167). — "On verra — escreve Charles de Rouvre — de quelle manière l'idée catholique, passant à travers Clotilde, prendra peu à peu sur Comte cette emprise poétique, qu'il n'avait point jusqu'alors ressentie. Ce n'est pas que Clotilde fût le moins du monde catholique. Elle était même beaucoup plus émancipée que Comte, car tout était vide dans son âme. Mais elle avait été catholiquement élevé, et, aux jours de sa première communion, on l'avait vue, à la fois, très pieuse et très heureuse. Ce souvenir lui demeurait vivace. C'est pourquoi, dans sa vie devenue dure, elle songeait, avec charme et avec mélancolie, aux prières, aux chants, aux cérémonies catholiques. Elle donna un jour à Auguste Comte un exemplaire de la *Journée du Chrétien* dont elle se servait à la Légion d'Honneur, et sur lequel, en 1837 — (c'est à dire après son mariage) elle avait écrit: "Souvenir précieux de ma jeunesse, compagnon et guide des mes heures saintes qui ont sonné pour moi, rappelle toujours à mon cœur les cérémonies grandes et suaves du couvent. "Petite phase qui, comme toutes celles de Clotilde, parut à Comte un pur chef-d'œuvre, et qu'il versa au trésor de ses reliques clotildiennes. C'est dans ce *reliquaire* que le philosophe, privé de son amie, allait chercher, chaque matin, l'argument de ses tristes méditations. (...) Donc, Clotilde, au temps de ses relations avec le philosophe, n'était pas catholique, mais elle aimait le catholicisme". CH. DE ROUVRE, *Auguste Comte et le Catholicisme*, pp. 62/63.

(168). — Em 11 de dezembro de 1829, Comte em carta a Gustave d'Eichthal considerava "a volta à teologia por parte de pessoas que dela se haviam libertado, como sinal irrecusável e talvez até de ausência de verdadeira energia moral" — apud E. LITTRÉ, *Auguste Comte et la Philosophie Positive*, p. 168.

(169). — COMTE (A.). — *Discours*, pp. 208/209.

(170). — Cf. CHARLES DE ROUVRE, *ob. cit.*, cap. III; H. GOUIER, *La Vie d'Auguste Comte*, assim como o interessantíssimo trabalho de R. TEIXEIRA MENDES, *O Ano sem Par*.

ração social da humanidade. “Fundamentando o conjunto da sua filosofia sobre a preponderância sistemática do coração, as mulheres são chamadas a formar a parte essencial do novo poder espiritual. A espiritualidade católica só podia ver nelas, poderosos auxiliares porque sua fonte direta era independente de seu concurso. Mas a espiritualidade positiva, as aprecia como elemento indispensável, pois elas constituem a representação mais natural e mais pura do seu princípio fundamental” (171).

O altruismo, princípio da nova filosofia, encontra poderoso auxiliar na cooperação feminina. O cristão amava o seu próximo através do amor de Deus e por meio desse amor visava sua própria salvação. No positivismo, que é ateu, de onde as idéias de salvação e de além estão proscritas, o amor do próximo apenas se justifica pelo amor da Humanidade. Como mães e espósas, as mulheres poderão exercer uma eficaz ação educativa, muito valiosa para a regeneração social.

Embora disposto a exaltar o caráter e o papel da mulher, A. Comte manifesta-se nitidamente, contrário a qualquer idéia de emancipação feminina. Seria, pensa êle, contra o destino normal da mulher pretender, sob o pretexto de igualdade e de liberdade, pô-la em concorrência como o homem no que se relaciona com as funções ativas. O verdadeiro progresso da Humanidade consiste, ao contrário, em excluir cada vez mais as mulheres de qualquer autoridade e de qualquer trabalho, e em concentrá-las na vida doméstica. É por essa razão que, sustentadas pelo homem, elas devem possuir vida econômica própria. A mulher é, assim, objeto, no positivismo, de um verdadeiro culto, mas esse culto acaba por asfixiá-las. . . O filósofo Comte — cuja mocidade havia sido intensamente sensual e que, segundo refere Charles de Rouvre (que se abona para isso nas confissões de Comte. . .) ainda aos quarenta e tantos anos possuía “um vigor masculino ao mesmo tempo lisongeador e exigente” — demonstra em relação às mulheres, uma atitude paradoxal. Sensual, ciumento, as cartas de Comte a Clotilde são reveladoras do seu imenso e imperioso desejo de a dominar inteiramente, de transformá-la em coisa exclusivamente sua. Apesar da delicadeza superficial com a qual a trata, Comte possuía ainda, como meridional que era, em relação à mulher, aquilo que os franceses chamam de “moeurs d’arabe”. Não é essa, porém, a única contradição que encontramos entre a doutrina e a vida do filósofo (172).

“Desde 1822, no célebre opúsculo intitulado *Plano dos Trabalhos Científicos necessários para reorganizar a sociedade*, a síntese de duas ordens de idéias, científicas e sociais, se realiza no pensamento de Comte, graças à dupla descoberta da classificação das ciências e

(171). — COMTE (A.). — *ob. cit.*, p. 217.

(172). — ROUVRE (Charles de). — *Auguste Comte et le Catholicisme*, p. 62.

da grande lei da dinâmica social. Sabe-se que êste trabalho foi, senão causa principal, ao menos ocasião para a ruptura entre Comte e Saint-Simon. E' êsse o momento que o próprio Comte julga decisivo para a história do seu espírito. Tõda sua doutrina futura já estava contida nesse opúsculo" (173). Assim, a partir dêste trabalho, sem romper a unidade de suas idéias (174), êle procurará demonstrar que "êste pensamento único satisfaz direta e completamente a grande necessidade social atual, considerada sob as duas faces de necessidade teórica e prática" (175). Augusto Comte acrescentaria ainda: "Farei portanto ver que aquilo que de um lado tende a consolidar o futuro, restabelecendo a ordem e a disciplina entre as inteligências, tende, por outro lado, a regulamentar o presente tanto quanto possível, fornecendo aos homens de Estado a base de uma prática racional" (176).

Apesar das declarações de Comte, houve quem contestasse a unidade do pensamento comteano e visse, na passagem do *Curso de Filosofia Positiva* para o *Sistema de Política Positiva*, uma cisão, um corte abrupto. Entre os contestadores, está Emile Littré, um dos principais discípulos heterodoxos de Comte. No entanto, a própria história do positivismo parece não dar razão a Littré.

Desde os trabalhos da mocidade até a *Sintese Subjetiva* o sentido do pensamento que Comte desenvolve é o mesmo. Êle executará por etapas, o esboço traçado no Plano dos *Trabalhos Científicos*. "Com uma perfeita regularidade, êle compõe e publica a filosofia das ciências e da história, a moral, a política e a religião positivas. Dir-se-ia que, por isso, o pensamento de Comte estaciona? Não, com tãda a certeza" (177). O pensamento de Augusto Comte evolverá e se enriquecerá entre 1822 e 1857. Novas experiências viriam juntar-se às experiências do jovem e estouvado estudante provinciano que, em 1814, ingressara na Politécnica de Paris, cheio de ilusões. Desde os primeiros trabalhos, porém, já se encontrava bem definida a intenção de Comte: era mister — julgava êle — realizar uma reforma intelectual que servisse de alicerce a uma moral e a uma política. E até a uma nova religião... (178). *Que é uma grande vida? E' um pen-*

(173). — LÉVY-BRUHL (L.). — *La Philosophie d'Auguste Comte*, p. 10.

(174). — COMTE (A.). — *Lettres à Valat*, p. 128.

(175). — LÉVY-BRUHL (L.). — *ob. cit.*, p. 11.

(176). — *Revue Occidentale*, 1881, I, p. 288, apud LÉVY-BRUHL, *ob. cit.*, loc. cit.

(177). — LÉVY-BRUHL (L.). — *La Philosophie d'Auguste Comte*, pp. 11/12.

(178). — Se é exato que Clotilde exerceu poderosa e decisiva influencia na segunda fase da carreira de Comte, é mister, não esquecer que Augusto Comte já antes de conhecer Clotilde de Vaux sabia para onde o conduzia a sua obra: "Le 4 avril 1814 un an avant la grande explosion amoureuse, il (Comte) proteste contre un mot de MME. Austin qui associe positivisme à sécheresse de cocur. Très affligée par la maladie d'un ami, disait-elle, je pleure et je prie deux choses qui vous paraîtront bêtes. La réponse de Comte mériterait mieux qu'un résumé: il y a dans la prière un fond indestructible qui tient à la nature humaine; le temps approche où le caractère sentimental da la philosophie nouvelle apparaîtra et les juges impartiaux ne tarderont pas à reconnaître qu'elle ne craint pas plus sous ce rapport, que sous l'aspect spéculatif, la comparaison réelle avec l'ancienne manière de philosopher" apud H. GOUIER. — *La Jeunesse d'Auguste Comte et la Formation du Positivisme*, vol. I, pp. 25/27. Ainda no *Curso* escrevia Comte:

samento de mocidade executado na idade madura. Ninguém como Augusto Comte melhor executou êsse pensamento de Alfred de Vigny. Não foi sem razão, aliás, que Comte inscreveu êste pensamento do poeta na portada do volume 1.º do seu *Sistema de Política Positiva*.

O *Sistema de Política Positiva* ou *Tratado de Sociologia instituindo a religião da Humanidade*, realiza a última etapa da obra de Augusto Comte. Com êsse tratado, Comte pretende, ao mesmo tempo, unificar as crenças, harmonizar os sentimentos e dirigir, num sentido eficaz e único, a atividade do homem. Dêsse modo, nessa obra são assentados “os fundamentos de um novo regime e de um novo culto. As diferentes formas de vida social, — política, eséctica, científica e industrial serão regeneradas por meio desta nova inspiração” (179). O método objetivo de que Comte se utilizara até então, no *Curso*, não será abandonado. Subordinar-se-á doravante, a um princípio novo de organização intelectual que toma o nome, bastante obscuro de método subjetivo” (180).

Já tivemos ocasião de assinalar que Augusto Comte aceita como postulado básico de sua sociologia, o fato da natureza humana evoluer, sem contudo se transformar (181). As nossas faculdades fundamentais, físicas, intelectuais e morais, são sempre as mesmas nos diversos graus da evolução histórica. O desenvolvimento que rece-

“Quand une véritable éducation aura convenablement familiarisé les esprits modernes avec les notions de solidarité et de perpétuité que suggère spontanément, en tant de cas, la contemplation positive de l'évolution sociale ou sentira profondément l'intime supériorité morale d'une philosophie qui rattache chacun de nous à l'existence totale de l'humanité envisagée dans l'ensemble des temps et des lieux: la religion, au contraire, ne pouvait au fond, reconnaître que des individus passagèrement réunis, tous absorbés par une destination purement personnelle, et dont la vaine association finale, vaguement reléguée, au ciel, ne devrait offrir, à l'imagination humaine qu'un type radicalement stérile faute d'aucun but saisissable. La restriction même de toutes nos espérances à la vie réelle, individuelle et collective peut aisément fournir, sous une sage direction philosophique, de nouveaux moyens de mieux lier l'essor privé à la marche universelle, dont la considération graduellement prépondérante constituera dès lors la seule voie propre à satisfaire autant que possible ce besoin d'éternité toujours inhérent à notre nature”. A. COMTE, *Cours de Philosophie Positive* t. VI, p. 532.

(179). — HUBERT (René). — Comte, p. 54.

(180). — Ibidem. “Ne nous laissons pas, nous dit-on, égarer par les mots. Auguste Comte, parle de subjectif, de sentiment de coeur, de morale, d'éternité, de religion. En réalité, il ne s'agit, dans ces théories d'aparence mystique, que de la prédominance nécessaire du point de vue social et humain dans la recherche scientifique et dans la vie. Jugéant impossible la systématisation des sciences tentée du point de vue des choses ou vue objectif! Comte appelle subjectif le point de vue qu'il préconise, et qui consiste à organiser les sciences pour le profit de l'homme, à un point de vue purement humain”. E. BOUTROUX, *Science et religion dans la Philosophie Contemporaine*, pp. 59/60.

(181). — “L'analyse générale, de notre progression sociale, — s'écrit Comte — démontre, en effet, avec une irrécusable évidence que, malgré l'invariabilité nécessaire des diverses dispositions fondamentales de notre nature, les plus élevées d'entre elles sont dans un état continu de développement relatif, qui tend de plus en plus à les ériger en puissances prépondérantes de l'existence humaine, quoiqu' une telle inversion de l'économie primitive ne puisse ni même ne doive jamais être complètement obtenue”. AUGUSTE COMTE, *Cours de Philosophie Positive*, vol. IV, p. 329.

bem no estado social não são suficientes para modificar, na opinião de Comte, a natureza do homem (182). Na 47.^a lição do *Curso de Filosofia Positiva*, em que Comte esboça a sua filosofia da história, já se apresenta a sua constante preocupação de unidade. E assim, o *postulado para sempre fundamental* de sua sociologia, éle o irá pedir a um filósofo *essencialmente dirigido pelo espírito geométrico* (183), cuja inspiração deriva do *sentimento do progresso das ciências* (184). É de Blaise Pascal o *admirável aforismo* que servirá a Comte para fundamentar sua filosofia da história. “Tôda série dos homens durante o curso de tantos séculos, deve ser considerada, escreve Pascal, como um mesmo homem que subsiste sempre e que continuamente aprende” (185). Reorganizar a sociedade, de acôrdo com a ciência, partindo dêste postulado fundamental da identidade da natureza humana no evolver do tempo, tal tem sido, também, na história, a finalidade das doutrinas religiosas. Aliás, “o axioma fundamental da religiã, — escreve Harald Hoffding — o que exprime a tendência profunda de tôdas as religiões é a conservação do valor” (186). “Mesmo quando um homem passou pelas experiências mais profundas e independentes da relação entre o valor e a realidade, a sua maneira de exprimir e interpretar estas experiências será ainda condicionada pelo círculo de idéias que lhe são familiares e também, mais ou menos, pela traição, embora éle não perceba isso necessariamente” (187). Harald Hoffding acrescenta ainda, com muita razão —, que “a história da religiã e da filosofia mostram que uma determinação mais precisa do conceito que serve de predicado ao juízo religioso (ou para usar uma expressão à maneira de Kant, de categoria de religiã) se produz geralmente com auxílio de formas e imagens tradicionais” (188). Assim, “a eternidade não é mais a continuação ou recuo no tempo, mas a expressão de valores através das mudanças que se dão no tempo” (189).

A doutrina de Comte, como já tivemos ocasião de ver, estava ligada à reação romântica da qual resultou a restauração religiosa, cujo sentido foi conservador. Para os românticos, quer se trate de moral, de arte, de ciência, de filosofia ou de religiã, há necessidade

(182). — LEVY-BRUHL (L.). — *La Philosophie d'Auguste Comte*, p. 284.

(183). — COMTE (A.). — *Cours de Philosophie Positive*, vol. IV, p. 123

(184). — *Ibidem*, loc. cit.

(185). — *Ibidem*. Cf. PASCAL, *Pensées et Opuscules* (ed. Brunshvieg), I, p. 80.

(186). — HOFFDING (H.). — *Philosophie de la Religion*, p. 199. “J’ai soutenu que l’axiome fondamental de la religion, ce qui exprime la tendance profonde de toutes les religions, était l’axiome de la conservation de la valeur. Si cette théorie est exacte, le problème religieux présente une intéressante analogie avec tous les autres problèmes fondamentaux. Ce qui, dans les différents domaines de la pensée humaine, met toujours cette pensée en mouvement, c’est le rapport de l’un et de multiple, ou bien le rapport du continu avec le différent et le changeant (...). L’axiome de la valeur est également une forme du principe de la continuité du réel. Il est analogue au principe de causalité, qui lui aussi, à sa manière, affirme une continuité du réel, en dépit de toutes les différences et de tous changements.” — in *ob. cit.*, p. 199. Cf. JEAN DELVOYE, *op. cit.*, cap. IV.

(187). — HOFFDING (H.). — *Op. cit.*, p. 155.

(188). — *Ibidem*, p. 173.

(189). — *Ibidem*, p. 53.

de uma renovação, de uma verdadeira restauração (190). Novalis sonha fundar uma religião; Schlegel, menos ambicioso que Novalis, almeja reformar a moral. Saint-Simon prega um *novo cristianismo*. Augusto Comte, educado no seio de uma família católica, apesar de abandonar cedo a religião, guarda por ela e pela história da Idade Média, viva simpatia.

Sob a influência da paixão por Clotilde de Vaux, Comte passaria a tratar, a partir de 1845, os mesmos problemas com os quais, se ocupara no passado de um modo aparentemente novo. Nas suas últimas obras (*o Sistema, a Síntese Subjetiva*), êle se refere à importante evolução sentimental pela qual passara, à sua renascença moral. A sociologia indicaria agora, com clareza, a Augusto Comte a importância dos liames que existem entre os homens na sociedade. O catolicismo mostraria a Comte o modelo capaz de produzir, nos indivíduos, a necessária conservação a fim de que êles se tornem os suprcres de uma sociedade nova que realizará o progresso dentro da ordem.

A política de Augusto Comte conduzirá, assim, a uma religião. Esta religião não se assemelha às religiões tradicionais que se construíram em torno da idéia de divindade sobrenatural. "Esta religião nova, que a sociologia revela à Humanidade, tem como centro a própria noção que a sociologia analisa e valoriza, a *idéia de Humanidade*" (191). É a Humanidade que substitui Deus na religião positivista. "A Humanidade, objeto do conhecimento intelectual supremo, adquire um valor incomensurável e torna-se objeto de adoração religiosa. E é êsse o sentido profundo do método subjetivo. Seria um erro cpor o subjetivo ao objetivo como conceitos contraditórios. O método subjetivo, com efeito supõe e implica a investigação objetiva.

Uma síntese objetiva, desde cedo, lhe pareceu como cousa irrealizável e contrária à extensão de nossos meios de ação intelectual. Esta síntese necessária, se operará, pois, sob o ponto de vista subjetivo, em torno da Humanidade. Por uma espécie de finalidade inconsciente, as ciências, no seu desenvolvimento histórico, sempre tenderam para êste fim supremo. O que se deseja, instituindo êste novo método, é substituir esta tendência obscura por uma direção consciente, refletida e voluntária. E' certo que a filosofia de Augusto Comte orienta-se em sentidos diferentes daquêles que ela seguiu: isto não significa, porém, que haja oposição entre os princípios do *Curso* e as noções fundamentais do *Sistema*. Houve desenvolvimento e não revolução no pensamento do fundador do positivismo (192).

(190). — Cf. EDMOND CLAMAUSSEL. *La Philosophie Religieuse de Schleiermacher*, p. 60.

(191). — HUBERT (R.). — *Comte*, p. 56.

(192). — *Ibidem*, pp. 50/57. Georges Contecor, assim se refere à questão do positivismo religioso: "Nous avons dit et nous maintenons qu'en élevant l'Humanité à la fonction de principe suprême de la vie, Comte ne s'tait nullement contredit. Mais le besoin qu'il éprouve de l'ériger en Dieu, de l'adorer, de lui consacrer un culte, d'instituer des prières et des effusions marque bien la révolution qui s'était produite dans

“Primeiramente espontânea, depois inspirada e a seguir revelada, a religião tornou-se enfim demonstrada. Sua constituição normal deve satisfazer, ao mesmo tempo, o sentimento, a imaginação e o raciocínio” (193). É aliás com estas palavras que Comte abre o terceiro capítulo do seu *Sistema de Política Positiva*, em que estuda a teoria geral da religião ou, como êle escreveu, a *teoria positiva da unidade humana*. Este último sub-título indica, claramente, as intenções do autor.

A religião, tem por função “regular cada existência pessoal, como ligar as diversas individualidades” (194).

Como se vê, Augusto Comte considera a religião “como uma disciplina de vida” (195). Do mesmo modo que a filosofia sistematiza os nossos conhecimentos intelectuais, a moral ao mesmo tempo que dá disciplina, sistematiza os nossos sentimentos e a política estabelece uma ordem na nossa atividade. Assim também a religião sistematiza todos êstes aspectos da existências humana. Mas, todo estado religioso exige o concurso de duas influências: uma objetiva, de caráter intelectual e outra subjetiva, de caráter puramente moral. Assim, a religião estabelece relações com o raciocínio e o sentimento. Para isso, “na nossa precária constituição cerebral, a fé não poderia ser inteira sem o amor” (196). Amar e crer são as bases de todo ato religioso. Será o amor, o princípio supremo da sistematização religiosa do positivismo. O amor dominando inteiramente os sentimentos e os atos dos homens, dirige-os no sentido da ordem e, como o progresso é apenas o prolongamento da ordem, também o é do progresso. A máxima mais importante, que sistematiza toda a doutrina comteana, será, assim, o amor, por princípio, a ordem por base e o progresso por fim.

Vimos sumariamente o sentido eminentemente político do pensamento de Augusto Comte. Não voltaremos, pois, ao exame das suas primeiras obras, em que se esboçam todas as suas idéias e em que toma corpo o sistema. Como arremate reduziremos êste nosso último exame crítico ao *Apêlo aos Conservadores*, obra política por excelência e que possui também, como o próprio autor afirma, o caráter de “complemento necessário ao *Catecismo Positivista*” (197).

O *Apêlo aos Conservadores* caracteriza, como diz Comte, “a sistematização especial da política apropriada ao décimo nono

son caractère à la suite de sa passion pour Clotilde de Vaux. La religiosité est le contrecoup, dans son oeuvre, de son initiation tardive aux effusions de l'amour platonique. C'est de la même source que viennent ses idées sur la femme et l'adoration qui lui est due: on ne peut tenir pour philosophique l'institution des “anges gardiens” ou l'obligation imposée à chaque homme de subir une influence féminine, de se soumettre à la tutelle morale d'une femme en lui rendant une sorte de culte”. GEORGES CONTECOR, *Comte*, p. 81.

(193). — COMTE (A.). — *Système de Politique Positive*, vol. II, p. 7.

(194). — *Ibidem*, p. 9.

(195). — CONTECOR (G.). — *Comte*, p. 135.

(196). — COMTE (A.). — *Système de Politique Positive*, vol. II, p. 17.

(197). — COMTE (A.). — *Apêlo aos Conservadores*, trad. M. Lemos, prefácio, p. V.

século” (198). Dêste modo, parceu-nos que essa obra pelo seu caráter prático — e que precede apenas de meses o último trabalho de Comte, que é a *Síntese Subjetiva* — seria suficiente para nos indicar a atitude do filósofo não somente em relação à doutrina política teórica, em geral, mas em face de sua atividade prática.

O *Apêlo aos Conservadores* destina-se principalmente aos estadistas ocidentais e tem por finalidade “iniciá-los na única síntese que os pode guiar”. . . (199). Na sua mocidade, Comte acalentara sonhos de ser, um dia, guia ou conselheiro de políticos de estadistas. Na velhice, porém, não tem dúvidas: é o *chefe* de uma religião e nela o sacerdócio é exercido pelos *sociólogos*, versão nova dos *filósofos* de Platão. E estes sacerdotes officiarão também na política. . . Se Augusto Comte não realizou inteiramente os seus sonhos de mocidade, influíu todavia poderosamente, em certas direções do pensamento político do século XIX e até em outras de nosso próprio século. . . A obsessão da ordem, a que se refere Gaston Milhaud, perseguiu sempre Comte (200). Êste último característico do pensamento de Augusto Comte vai aliás revelar-se, com maior clareza, no *Apêlo aos Conservadores*.

O processo revolucionário que se iniciou com o movimento das comunas, no século XIV e que se acentuaria com a Reforma religio-

(198). — Ibidem.

(199). — Ibidem. É conveniente lembrar que em 1848, Augusto Comte fundara em Paris uma sociedade política, a *Sociedade Positivista de Paris*, destinada a “preencher em relação à segunda parte, essencialmente orgânica da grande revolução, um officio equivalente ao que foi tão útilmente exercido pela Sociedade dos Jacobinos” (A. COMTE, *Manifesto Inicial da Sociedade Positivista de Paris*, trad. M. Lemos, p. 5) cuja ação seria meramente consultiva, sem nenhuma intervenção temporal. Visava, além disso, a sociedade, “facilitar o advento do novo poder espiritual que o positivismo apresenta como sendo o único adequado a terminar a revolução” (Manifesto citado, p. 6). “O officio espiritual da Sociedade Positivista não se limitará à França; abraçará naturalmente todas as populações adiantadas que participam agora, apesar de suas diversidades nacionais, da mesma necessidade fundamental de regeneração social como o prova hoje a extensão gradual da crise revolucionária. Assim esse officio deve compreender o conjunto da grande república ocidental, que, preparada pela incorporação romana e diretamente constituída sob Carlos Magno, realizou por toda a parte, desde a Idade Média, um desenvolvimento intelectual e social, a um tempo negativo e positivo, cujo verdadeiro equivalente não é ainda oferecido pelo resto da Humanidade, mesmo na Europa. Esta família de elite contém, em torno do centro francês, de um lado a Alemanha e a Inglaterra com os seus anexos naturais, do outro lado a Itália e a Espanha” (Manifesto, pp. 6/7). A Sociedade não será “em seus sentimentos e pensamentos, nem nacional, nem cosmopolita, mas ocidental: ela concebe aliás a regeneração final como devendo se estender depois, segundo uma progressão determinada, a todo o resto da Humanidade, sob a criteriosa assistência do Ocidente redimido” (Manifesto, p. 7).

(200). — Cf. A. FRANCE, *Auguste Comte*. in *Oeuvres Complètes*, t. XVII, p. 277 e J. LAGARRIGUE. *La Dictature Républicaine d'après Aug. Comte*, obra que o autor inicia com uma curiosa carta ao famigerado general Boulanger. Aliás, é bastante curiosa a posição de Comte em face da transformação política que se operou em França entre 1848 e 1852. Cf. O Manifesto Inicial da Sociedade Positivista de Paris e o Apêlo aos Conservadores. Cf. LEON DE MONTESQUIOU, *Le Système Politique d'Auguste Comte*, cap. I, e CHARLES MAURRAS, *L'Avenir de l'Intelligence*, pp. 99/134. Cf. CRUZ COSTA, *Positivismo e Constituição*, in *Folha da Manhã*, de 8 de março de 1945.

se não terminou, na opinião do filósofo, com a grande crise de 1789. Ao contrário, essa revolução continua a “oscilar entre a retrogradação e a anarquia, deixando sempre o temor de tormentas sem solução. A necessidade de conciliar a ordem e o progresso é todavia sentida, cada vez mais, há sessenta anos” — escreve Comte, logo nas primeiras páginas do prefácio do *Apêlo aos Conservadores* (201). Foi essa necessidade que deu origem ao poderoso e forte partido dos conservadores (202) que, como diz o filósofo, “procura sinceramente, afastar, ao mesmo tempo, os revolucionários e os retrógrados” (203). A revolução moderna, acreditava Augusto Comte, tem um caráter *essencialmente intelectual* e, por isso mesmo, toda tentativa de verdadeira construção social deveria assentar em bases filosóficas que “permitam estabelecer, pela demonstração, uma fé não menos vedada às abstrações metafísicas do que às ficções teológicas” (204). Estas bases só podiam ser, portanto, científicas, positivas. Mas não deviam servir apenas para satisfazer a inteligência. Era mister que ainda correspondessem ao sentimento e viessem dirigir a atividade prática. “Dada a natureza de minha primeira elaboração, terminada em 1842, seus melhores resultados não podiam surgir senão ao fim de uma longa ascensão, que não permitia mais aplicar ao espírito exausto desenvolver e utilizar a síntese cujas bases lógicas e científicas ele havia lançado (...). Semelhante imperfeição coexistia com uma lacuna capital, que devia obstar que se considerasse como sufficientemente estabelecido, o principal resultado, a instituição da fi-

(201). — COMTE (A.). — *Apêlo aos Conservadores*, p. 1.

(202). — A página IV do prefácio do *Apêlo aos Conservadores*, Comte, escreve o seguinte: “Posso indicar a natureza e o objetivo d’este opúsculo apreciando a história geral da palavra *conservador* que é incorporada à política mais adiantada. Peculiar ao partido provisório que deve prevalecer até que a transição final esteja plenamente instalada, este nome seguiu, durante o meio século de seu desenvolvimento da situação correspondente. O irrevogável advento da paz ocidental terminou a longa retrogradação que necessariamente sucedeu ao desfecho anárquico da explosão francesa. Ele se fez sentir por toda a parte e sobretudo no povo central (a França) a necessidade de uma conciliação fundamental entre a ordem e o progresso. Assim surgiu o título *conservador*, no qual devemos ver um programa permanente, cuja realização exigia a inteira elaboração da doutrina destinada a terminar a revolução ocidental. O termo foi introduzido pelo partido retrógrado, reduzido de modo irrevogável ao estado de oponente, em consequência da enérgica sabeloria da ditadura francesa, numa transformação decisiva, instituída a 5 de setembro de 1816, e completada a 5 de fevereiro de 1817. Este partido manifestou então sua aptidão a modificar-se aceitando as duas condições conexas que lhe são prescritas pela situação correspondente. Com efeito, ele esforçou-se por tornar a apoderar-se do governo mediante um nobre emprego do jornalismo e do regime parlamentar. O título de *conservador* surgiu para designar a revista hebdomadária em que, sob a eminente direção de Bonald e Chateaubriand, com a eloquente assistência de La Menais, os dignos retrógrados expuzeram, durante cinco anos, suas vistas políticas. Essa qualificação representa a superioridade mental e moral d’esse partido sobre seus adversários, quando comparada, com os nomes insignificantes que estes adotavam, segundo o uso britânico, por falta de um caráter orgânico”. (*Apêlo aos Conservadores*, pp. VI/VII).

(203). — COMTE (A.), *ob. cit.*, p. 2.

(204). — *Ibidem*, p. 5.

filosofia da história, cuja eficácia decisiva limitava-se então à irrecusável demonstração das leis sociológicas. *Além da preponderância a princípio concedida ao estudo do progresso, embora o da ordem devesse finalmente prevalecer*, a apreciação do passado não se achava aí sistematizada com bastante precisão para permitir determinar o futuro de modo a regular o presente. Em relação a um movimento indivisível, este defeito provinha da influência de uma síntese que abraçava então a inteligência e a atividade sem compreender o sentimento, fonte única da verdadeira unidade. Por isso é que minha primeira elaboração não podia, sob o aspecto teórico, e sobretudo na ordem prática, tornar-se verdadeiramente satisfatória senão fornecendo a base necessária da segunda, em que devia consistir minha *principal missão*, indicada desde a minha estréia. Assim, sobressai a inconseqüência dos que, por não apreciarem o conjunto de minha carreira, se têm esforçado em vão em restringir à transformação preliminar da ciência em filosofia, a evolução da doutrina universal” (205). Assim, a doutrina estritamente filosófica, não pode dispensar construção mais decisiva como é a religião. A nova filosofia pode prevenir a retrogradação mas não substitui a antiga fé, enquanto não chegar a “dirigir a cultura moral que a Idade Média tinha feito prevalecer irrevogavelmente” (206). Não será possível “ligar os nossos pensamentos sem abraçar os nossos sentimentos” (207).

O positivismo irá, deste modo condensar-se todo no dogma da Humanidade que é, como diz Augusto Comte, o “centro contínuo dos nossos sentimentos, dos nossos pensamentos e dos nossos atos, oriundos de minha filosofia, sob o impulso feminino, *para dirigir minha política*” (208). A religião positiva assumirá a direção do conjunto dos negócios terrestres, deixando aos teologistas o domínio celeste. Mas antes que esta missão, em que o conselho deve prevalecer, possa ser diretamente assistida pelo comando, seu advento decisivo carece de ser preparado por uma influência indireta *reservada aos conservadores propriamente ditos*. Para guiar a estes, consagrarei a primeira e principal parte deste opúsculo (o *Apêlo aos Conservadores*) a compor a doutrina, que basta agora aos estadistas suscetíveis de se tornarem sistemáticos. Nas duas partes, a solução geral será especialmente desenvolvida, a respeito dos retrógrados e dos revolucionários, explicando como é que as duas escolas, diversamente viciadas, podem doravante ser igualmente utilizadas. Enfim, minha conclusão oferecerá o complemento dinâmico de semelhante conjunto de indicações estáticas, caracterizando a marcha geral dos conservadores sistematizados, até a fusão final deles entre os *positivistas, que são hoje os únicos que podem dignamente servir a ordem e o progresso*” (209).

Mas, quais são os princípios que o positivismo fornece aos *verdadeiros conservadores*?

(205). — COMTE (A.), *ob. cit.*, pp. 12/13.

(206). — COMTE (A.), *ob. cit.*, p. 14.

(207). — COMTE (A.), *ob. cit.*, p. 15.

(208). — COMTE (A.), *ob. cit.*, p. 17.

(209). — COMTE (A.), *ob. cit.*, pp. 23/24.

Não trataremos das abundantes prescrições que Augusto Comte apresenta. Restringimo-nos exclusivamente ao que respeita à política geral. Esta gira também em torno do dogma fundamental da Humanidade. Mas que é a Humanidade para Comte? E' como já indicamos, a realidade suprema, aquilo que, na religião positiva, substitui Deus (210). E' a noção que corresponde, na velha metafísica, à idéia de absoluto, ressaltado, evidentemente, o princípio positivista de que tudo é relativo.

Mas, a idéia de Humanidade apresenta, na filosofia de Comte, diferentes e sucessivos aspectos. Na primeira fase de sua primeira carreira, Comte “considera, de preferência, a Humanidade como objeto de ciência; na segunda, ela lhe parece, de preferência como objeto de adoração e de amor” (211). Ente imenso e eterno, a Humanidade é o “conjunto dos seres humanos passados, futuros e presentes” (212). O que a caracteriza, por tanto, é a solidariedade e a continuidade (213), caracteres estes que o positivismo procurou desenvolver, mediante a sua doutrina da simpatia. A Humanidade, é o “térmo mais alto que o nosso espírito pode atingir, o ideal mais alto que o nosso coração pode amar, o objeto enfim, mais digno do nosso devotamento” (214). A Humanidade reintroduz o passado na política e, por meio d'ele, encaminha os problemas do presente e prevê os que o futuro apresentará. Graças à solidariedade e à continuidade, “cada homem, procurando apreciar o que deve aos outros, reconhece uma participação muito maior no conjunto de seus predecessores do que no de seus contemporâneos. (...) Assim, a verdadeira sociabilidade consiste mais na continuidade sucessiva do que na solidariedade atual. Os vivos são sempre e cada vez mais, governados pelos mortos: tal é a lei fundamental da ordem humana” (215).

(210). — COMTE (A.). — *Catecismo Positivista*, p. 448.

(211). — LEVY-BRUHL. — *La Philosophie d'Auguste Comte*, p. 383.

(212). — COMTE (A.), *ob. cit.*, p. 72.

(213). — COMTE (A.). — *Système de Politique Positive*, vol. I, p. 365.

(214). — LEVY-BRUHL (L.), *ob. cit.*, p. 385.

(215). — COMTE (A.). — *Catecismo Positivista*, p. 74.

Todavia, nem este juço, que pesa sobre os vivos com todo o peso da história e da pré-história, nem o consensus que faz da humanidade um grande organismo coletivo, não tiram ao homem a sua liberdade de ação. A solidariedade e a continuidade humanas não têm como consequência o fatalismo. Os indivíduos são responsáveis. Não devemos considerá-los nem como peças de uma máquina nem como células de um organismo, nem como membros de uma colônia animal. A humanidade não é um polípeiro. Esta comparação, diz Comte, revela uma imperfeita apreciação filosófica de nossa solidariedade social e uma alta ignorância biológica do gênero de existência própria aos polípeiros. Ela aproxima uma associação voluntária e facultativa de uma participação involuntária e indissolúvel. A Humanidade, como organismo coletivo, define-se, ao contrário, pela oposição às colônias animais. Nestas colônias, os indivíduos estão ligados fisicamente e independentes fisiologicamente. Na humanidade, os indivíduos são independentes fisicamente, e não são ligados uns aos outros, no espaço e no tempo, senão pelas suas mais altas funções. Assim, este imenso organismo se distingue sobretudo dos outros seres na medida em que é formado de elementos separáveis, sendo que cada um pode sentir a sua própria cooperação, desejá-la ou mesmo, recusá-la, enquanto é direta. O indivíduo não pode, sem dúvida, “desumanizar-se” é claro. Mas resta-lhe uma independência parcial. Do mesmo modo que ele pode colaborar na obra coletiva pelo seu livre consentimento, ele

E' êsse o princípio universal da doutrina que o positivismo oferece aos conservadores. As suas condições fundamentais podem ser assim enumeradas: *Supremacia do sentimento; relatividade completa* (216) e *indivisibilidade da verdadeira síntese* (217).

Três instituições caracterizam, para Comte, o regime positivo: 1.o) a *preponderância moral*. Esta é impelida, pela sua natureza e destino, a ocupar-se dos sentimentos. Mas, "a ordem social repousa sôbre a ordem moral, que depende da ordem vital, como esta da *ordem material, primeira base da verdadeira síntese*, tanto prática como teórica, na qual todo o progresso consiste em desenvolver a ordem. E' assim, acrescenta ainda Augusto Comte, que a sociocracia sistematiza a disciplina esboçada pela teocracia para a cultura intelectual, afim de que o espírito nunca possa iludir seu destino" (218). 2.o) a *separação de poderes*, a distinção entre o poder temporal e o poder espiritual.

Segundo Comte, tôda sociedade implica dois poderes cujo curso e separação são garantias de ordem e de prosperidade: o poder temporal e o poder espiritual. "O pensamento e a ação da humanidade, submetidos às leis regulares da evolução, exercem-se segundo formas e com finalidades diversas. O pensamento passa pelos estados teológico, metafísico e positivo; a ação é necessariamente conquistadora, defensiva e industrial" (219). Não são os mesmos homens que se encontram em situação de exercer a direção temporal e espiritual em diferentes épocas da história. O poder espiritual no estado teológico é representado pelos padres; no estado metafísico pelos filósofos

é livre também de entravá-la, na medida das suas forças. Em resumo: embora a evolução do Grande Ser esteja submetida a leis, cada individualidade, longe de ser anulada, aí representa o seu próprio papel e pode aí ter o seu mérito. O conhecimento das leis sociológicas é, para a atividade humana, uma regra e não uma tirania" (L. LÉVY-BRUHL, *La Philosophie d'Auguste Comte*, pp. 388/389).

(216). — Desde o alvorecer da ciência grega, a relatividade foi irrevogavelmente introduzida nas mais simples concepções, em que o absolutismo parecia ter melhor fundamento. Sempre desenvolvida com a positividade, sua preponderância devia sobretudo convir aos conhecimentos mais complexos, pois que eles são os mais modificáveis, como o confirma a resistência crescente do espírito histórico às pretensões absolutas. A única explicação que cumpre consignar aqui a este respeito consiste na necessidade de estender o relativismo, não sômente a todo o domínio intelectual, em que sua universalidade só agora é contestada por pensadores atrasados, mais ainda à ordem prática e mesmo moral" (A. COMTE, *Apêlo aos Conservadores*, pp. 33/34).

(217). — Sendo a vida sempre caracterizada por uma indivisibilidade tanto mais pronunciada quanto mais eminente é a existência, não se pode imediatamente desconhecer a obrigação de nunca partir os diversos aspectos da religião destinada a regulá-la. Instituído uma síntese provisória, o fetichismo e a teocracia desenvolveram hábitos que bastará reaninhar para superarmos as tendências, cada vez mais desperpivas de evolução ocidental. Todos os esforços, mesmo teóricos, tentados, sob a anarquia moderna a respeito de sistematizações parciais, concorrem para demonstrar a impossibilidade de coordenar qualquer coisa de outro modo que não seja ligando tudo. Daí resultam, ao mesmo tempo, a dificuldade principal e o privilégio decisivo da religião positiva, forçada, sob pena de inanidade total, a abraçar o conjunto do domínio humano tanto afetivo como ativo e especulativo, que só a teocracia pôde esboçar" (A. COMTE, *ob. cit.*, p. 35).

(218). — COMTE (A.) — *Apêlo aos Conservadores*, pp. 49/50.

(219). — CONTECOR (G.). — *Comte*, p. 149.

e, finalmente, no estado positivo, pelos sábios ou mais exatamente, pelos sociólogos. Assim também, no domínio da ordem material, nas sociedades que se organizam, o poder temporal é exercido pelos militares, passando a seguir para os legistas e, à medida que a organização industrial se desenvolve, o poder material passa para as mãos da burguesia. Esta é a lição da história. Dêste modo, o poder, na sociedade moderna cabe aos industriais e aos cientistas. Mas, tanto para industriais como para os sábios, há uma hierarquia de funções determinada pela própria natureza dos objetos de estudos ou administração. “Há assim, em cada ordem, uma hierarquia de poderes, ou taxonomia social, uma classificação das funções sociais, determinando a aptidão ou o direito à autoridade (220). Repete-se, em relação ao poder, alguma cousa que lembra o conceito classificador das ciências. Na ordem material aquêlo que possui visão mais ampla, cuja atividade é mais abstrata, ocupará o lugar mais elevado da escala social. E’, sob forma moderna, uma repetição de Platão.

A sociedade ideada por Augusto Comte será assim ordenada: os agricultores, os fabricantes e por fim os banqueiros. E’ preciso não esquecer, como já vimos, a importância que possuem os banqueiros, no momento histórico em que viveu Augusto Comte. Na ordem espiritual, a classificação preconizada por Comte era esta: poetas, artistas, sábios e filósofos, isto é sociólogos (221). Sociólogos e banqueiros seriam os chefes do Estado de Augusto Comte. Finalmente: a terceira instituição, relativa à *dignidade da mulher* que tem na doutrina um revelante papel. “A mulher, diz Comte, que oferece, a todos os respeitos, o verdadeiro tipo da nossa espécie, constitui um mediador necessário entre o homem e a Humanidade”... Em virtude de sua preeminência afetiva, a mulher exerce na vida privada, no *santuário doméstico*, dois *ofícios sociais* importantíssimos: o de aperfeiçoar o espôso e o de preparar pela educação os filhos para a Humanidade (222). Mas essa dupla tarefa não poderá ser dignamente exercida, diz ainda Comte, se a situação social do sexo amante não se achar sempre em suficiente harmonia com a natureza e o destino que lhe é próprio. O positivismo, sistematizando as tendências ocidentais, suprime ao mesmo tempo os dotes e sucessões femininas, fundando a economia doméstica e, por conseguinte cívica, sobre o axioma: *o homem deve sustentar a mulher*” (223). A mulher é dispensada do trabalho exterior “afim de po-

(220). — CONTECOR (G.), *ob. cit.*, p. 150.

(221). — *Ibidem*, pp. 150/151.

(222). — COMTE (A.). — *Apêlo aos Conservadores*, p. 67.

A família é o centro dessas afeições simpáticas a que se refere Comte. O positivista encontra “em sua mãe sua principal padroeira, normalmente completada pela espôsa e a filha; a irmã desenvolve ou substitui (naturalmente Comte tinha presente a sua própria situação) qualquer destes três tipos, todos susceptíveis também de adições variadas, mesmo masculinas. Eis aí como a religião da Humanidade supre os anjos da guarda que o catolicismo tirou do judaísmo” (Cf. A. COMTE, *Apêlo aos Conservadores*, p. 64).

(223). — COMTE (A.). — p. 55.

der preencher satisfatoriamente seus dois officios interiores” (224). Ao abandonar o dote ou a herança, a mulher contribui para a “concentração normal dos capitais nos servidores práticos da Humanidade, para que o poder e a responsabilidade dos mesmos recebam tôda a extensão conveniente” (225). E’ preciso convir que é bastante curioso, o “esprit chevaleresque” do filósofo... (226).

São estas as noções mais importantes de que devem ter noticia os estadistas modernos que, embora não convertidos à religião positiva, podem, assim, sentir a “aptidão desta para terminar a revolução moderna” (227).

O positivismo, estende êstes princípios à vida pública. Segundo Augusto Comte a educação destina-se a constituir a opinião pública, instituindo costumes sitemáticos não menos opostos à *sedição do que ao servilismo* (228).

* * *

Mas qual deve ser a conduta dos conservadores em face da política? Comte julga que é dever dêstes superarem, ao mesmo tempo a reação e a revolução. Embora os conservadores sempre tenham *mostrado mais estima e afinidade* pelos reacionários do que pelos revolucionários, “esta preferênciã é sistematizada pelo positivismo, que a consolida e desenvolve ligando-a à política destinada a fundar a transição final dos ocidentais” (229). Revelando dêste modo também as suas preferências, Comte ainda acrescenta: “Por mais viciosas que sejam as tendências retrógradas, elas são, a todos os respeito, *menos contrárias* que as disposições revolucionárias, à grande construção que deve caracterizar o século décimo-nono. Representando um regime irrevogavelmente decaído, mas cujos serviços merecerão o eterno reconhecimento da Humanidade, aquelas tendências recordam necessariamente as condições de ordens comuns a todos os estados possíveis. Pelo contrário, as disposições revolucionárias, oriundas de uma decomposição crescente, só indicam vagamente as aspirações ao progresso, ligando estas doutrinas puramente subversivas, que induzem a uma apreciação radicalmente errônea da natureza e do caráter da regeneração ocidental” (230).

Os conservadores devem, pois, inspirar simpatia aos retrógrados afim de vencerem os revolucionários. Mas, “instituindo o pro-

(224). — COMTE (A.). — p. 70.

(225). — COMTE (A.). — *loc. cit.*

(226). — Cf. TEIXEIRA MENDES, *Évolution Originale*, p. 5.

(227). — COMTE (A.). — *Apêlo aos Conservadores*, p. 55.

(228). — “Reorganizando sobre melhores bases a purificação sistemática que o catolicismo soube esboçar dignamente quanto ao conjunto das inclinações pessoais, o positivismo caracteriza-se referindo essa purificação ao surto contínuo das afeições simpáticas, sempre inconciliáveis com o teologismo” (A. COMTE, *ob.*, p. 62).

(229). — COMTE (A.). — *Apêlo aos Conservadores*, p. 83.

(230). — COMTE, (A.). — *ob. cit.*, pp. 83/8.

gresso como desenvolvimento da ordem, nova síntese faz necessariamente sentir que a retrogradação não comporta nunca um caráter orgânico (231).

A constante preocupação de ordem que percorre, como dissemos, a doutrina de Augusto Comte, induzirá ainda alguns *retrógrados* do nosso século, como por exemplo, o Conde de Montesquiou e Charles Maurras, a ligarem os movimentos políticos reacionários que chefiavam à doutrina de Comte (232). Num trecho bastante característico de sua posição política, assim se expressa Comte: "Tôda alma que sente a *urgência* de fazer prevalecer habitualmente a moral sôbre a política e de subordinar a atividade material à cultura simpática, pode, seja qual fôr a sua crença, concorrer para a reconstrução religiosa. Basta colocar o *fim acima dos meios* para apreciar o poder e a dignidade do impulso dinâmico do positivismo no sentido da religião universal, no meio de uma incomparável anarquia" (233). Foi aliás o que fizeram os reacionários da *Action Française*. A doutrina de Comte "representando o progresso com o desenvolvimento da ordem, faz consistir a regeneração ocidental na disciplina de tôdas as forças humanas. Por seu lado, as mulheres apreciarão a moralidade da única fé capaz de identificar a felicidade e o dever, colocando aquela e esta no exercício contínuo dos instintos simpáticos, mediante o impulso conexo da vida privada e pública. Sem renunciarem às convicções provenientes de sua educação e de seus hábitos, elas reconhecerão que a imortalidade subjetiva fundada sôbre o altruísmo, é superior a uma ressurreição objetiva, em que prevalece o egoísmo. Eis aí como os dois elementos essenciais do partido retrógrado ficarão gradualmente dispostos a impelir a própria geração para a fé que reduz tôda a evolução humana à lei: *o homem torna-se cada vez mais religioso*" (234).

Se esta deve ser a conduta dos conservadores em relação aos retrógrados, qual será a conduta aconselhada em relação aos revolucionários. É o que Augusto Comte irá mostrar na terceira parte do seu *Apêlo aos Conservadores*.

A Revolução Francesa revelou, ao mesmo tempo, a impossibilidade de manutenção do regime que se veio decompondo a partir da Idade Média e a importância das tendências puramente críticas que lhe deram em parte, causa. "Desde então a iminência da anarquia

(231). — COMTE (A.) — ob. cit., pp. 86/87.

(232). — "C'est aux conservateurs que je dédie cet exposé du Système politique de Comte. Et je suis certain qu'on pensera, moins à s'en étonner qu'on ne l'eût fait il y a seulement quelques années. Car, depuis ces dernières années, grâce aux efforts de quelques-uns, on commence à prendre une plus juste notion de la philosophie d'Auguste Comte; on commence à entrevoir que l'on a été mystifié; que bien loin, en effet, d'appuyer la Révolution, la doctrine positiviste, plus que toute autre, en combat fortement les principes; et pour tout dire en ce mot, que l'accord d'Auguste Comte avait souhaité, espéré, est possible entre positivistes et conservateurs" (L. DE MONTESQUIOU, *L. Système Politique d'Auguste Comte*, pp. 1/2).

(233). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 113.

(234). — COMTE (A.). — ob. cit. p. 121.

reanimou as disposições retrógradas, não obstante a extinção recente da fé que elas exigiam. Quando a situação pareceu ter retomado o caráter anterior à crise, os impulsos revolucionários despertaram-se para lutar contra a retrogradação, conquanto as ilusões que elas haviam suscitado no princípio se achassem desvanecidas” (235).

E’ à sua própria experiência dos acontecimentos históricos, vividos entre 1815 e 1832 que Augusto Comte se refere.

“Sem convicções de espécie alguma, — acrescenta — duas doutrinas igualmente exaustas eram mais destinadas a neutralizar-se mutuamente do que a desenvolver seus ofícios respectivos, que consistiam em representar provisoriamente, uma, as condições de ordem e outra, a necessidade de progresso. Esta tempestuosa estagnação persistirá até que os conservadores, em vez de perpetuarem passivamente um deplorável antagonismo, possam ativamente subjugar a retrogradação e a anarquia que só se extinguirão simultaneamente” (236).

Reconhece Augusto Comte, no entanto, — apesar da pouca simpatia que demonstra pelos revolucionários — que é precisamente uma doutrina o que lhes falta. Os retrógrados, guiados pela tradição que a revolução tentou destruir, não têm necessidade de chefes espirituais, de doutrina. Os revolucionários, porém, não podem, “tender ao progresso social sem uma teoria adequada para representar-lhes o futuro e sem doutores aptos para desenvolvê-la” (237). Mas estes *doutores*, são, desde o seu incidente com a Escola Politécnica de Paris, seus inimigos (238), e éle não os poupa. São éles que “paralisam o partido progressista em todo o Ocidente” (239) especialmente no *povo central*.

*
*
*

A Idade Média legou à sociedade moderna — diz Comte — dois problemas inseparáveis que suscitaram a revolução: a *incorporação do proletariado à sociedade moderna* e a “*substituição da fé demonstrável ao teologismo irrevogavelmente exausto*” (240).

As relações entre patrões e operários estavam, de há muito, a pedir regulamentação; a organização pacífica da sociedade exigia que se dê solução pacífica a esta grave questão social e, a solução, só podia ser encontrada pela inteligência. “Mas semelhante conexão, já pressentida na Idade Média, foi durante muito tempo dissimulada em consequência do contraste natural entre a urgência inerente ao primeiro problema e a marcha lenta da elaboração necessária à segunda. Embora a principal instituição da sociedade moderna es-

(235). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 123.

(236). — COMTE (A.). — ob. cit., pp. 122/123.

(237). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 126.

(238). — Cf. H. GOUHIER — *La vie d'Auguste Comte*, cap. X.

(239). — COMTE (A.). — *Apelo aos Conservadores*, p. 126.

(240). — *Ibidem*.

tivesse subordinada à mais profunda das revoluções mentais da Humanidade” (241). Dêste modo, sendo muito rápida a decomposição do antigo regime, o problema social chegou “diretamente à ordem do dia antes que a questão intelectual pudesse ser verdadeiramente resolvida. Tal é a fatal desigualdade que produziu a funesta supremacia dos letrados, gradualmente prestigiados pelas lutas oriundas da Idade Média. Mesmo depois que o triunfo político da metafísica moderna provou irrevogavelmente sua inanidade social, os proletários continuaram concedendo sua confiança espiritual, e por conseguinte temporal, à classe menos apta para combinar-se com êles” (242). Sòmente o positivismo tem a aptidão de oferecer aos proletários “os únicos dogmas e os únicos doutores com os quais êles podem profundamente simpatizar, em virtude da conformidade dos hábitos e do concurso dos sentidos. Imbuídos de positividade em virtude da natureza de seus officios especiais, os trabalhadores só acolhem uma metafísica heterogênea em virtude da aptidão que êles lhes supõe no tocante à função geral. Não aspirando ao sacerdócio nem ao govêrno, o proletariado admitirá a doutrina que separa aquêle dêste, logo que êle a julgar apropriada a consagrar suas reclamações sociais, cada vez mais comprometidas pela ambição e incapacidade dos letrados” (243). E’ mister, no entanto, respeitar qualquer movimento intelectual por mais desregrado que seja. Sem essa condição, a revolução final não se poderá dar. Tôdas as divagações teóricas deverão ser livres. “Quanto mais se aprecia a necessidade de uma disciplina espiritual, — escreve Comte — mais se deve sentir a importância de uma liberdade necessária ao seu advento, já para tirar aos anarquistas o prestígio da perseguição, já para provar ao povo que as bases da sociedade não temem nenhum exame” (244). Especificando a conduta política que os conservadores devem ter em relação aos revolucionários, Augusto Comte afirma que, sem esperar o advento da sociocracia, pode-se além de facilitar a preparação que ela exige, introduzir no voto duas modificações gerais, que em breve serão aceitas por todos os dignos democratas. “A primeira consiste na inteira publicidade dos sufrágios, afim de assegurar uma responsabilidade que só as almas corrompidas ou tímidas podem recusar. Em segundo lugar, é preciso autorizar a livre delegação de cada voto, para que a influência oficial se proporcione ao ascendente real” (245). Dêste modo, estabelece-se um sistema de depuração entre duas correntes que, desde o século XIV se têm oposto: uma, que se bate pela liberdade e outra que luta pela igualdade. “A incompatibilidade de ambas ficou dissimulada enquanto o progresso político teve sobretudo que consistir em destruir um regime que se tornara retrógrado. Mas quando foi preciso construir, a crise central (Revolução Francesa)

(241). — COMTE (A.). — ob. cit., pp. 126/127.

(242). — COMTE (A.). — ob. cit., pp. 127/128.

(243). — COMTE (A.). — ob. cit., pp. 131/132.

(244). — COMTE (A.). — ob., cit., pp. 142.

(245). — COMTE (A.). — ob., cit., p. 145.

fêz sentir logo que o nivelamento exige a compressão permanente de superioridades quaisquer, ao passo que o livre surto desenvolve a desigualdade” (246). No evolver histórica das nações do Ocidente, o processo revolucionário sempre foi dirigido por uma só doutrina mas os seus “dogmas nunca cessaram de flutuar entre duas aberrações contrárias: o individualismo e o comunismo” (247).

E’ mister, porém, desde já entender o que Comte quer dizer ao se referir ao comunismo. O conceito que Comte tem do comunismo é muito vago, como vaga é, aliás, a noção que êle tem de economia política. Augusto Cornu mostrou que as doutrinas dos revolucionários posteriores à Revolução Francesa, des que precederam Marx, formam um fundo comum de utopismo que se opõe inteiramente ao marxismo. “Utopismo e marxismo nasceram ambos de um sentimento de revolta contra a desordem econômica, as iniquidades sociais e do desejo de remediá-las por meio de uma transformação da sociedade. Mas, enquanto o utopismo se contenta, depois de haver criticado o regime econômico e social, em apresentar a sociedade ideal que deverá ser realizada, o marxismo, tirando da análise da sociedade, a razão, a tendência e o modo de sua evolução, orienta tôda a ação reformadora ou revolucionária no próprio sentido desta evolução e adapta-a, dêste modo, ao real, em lugar de opor ou impor a êste um ideal” (248). A razão das diferenças que existem entre o utopismo e o marxismo, como ainda diz o mesmo autor, é que o utopismo, nascido “em uma época em que o capitalismo estava em via de formação e em que o proletariado, pouco desenvolvido, não entrava ainda em luta aberta contra a burguesia, não encontrava no regime capitalista as condições de sua transformação e não concebia a luta de classes como meio de emancipação. Impotentes para tirar da própria sociedade os dados presentes da realidade, a solução dos problemas econômicos, políticos ou sociais que se apresentam para os utopistas, conduz êstes, para resolvê-los, a transportá-los para um plano ideológico ou moral e a recorrer a uma explicação transcendental para mostrar como se efetua a transformação da sociedade” (249). E’ isso que se dá com a doutrina de Comte. Como vimos, êle atribuiu um valor muito grande ao fator moral na reforma da sociedade moderna e sublimiza a Humanidade, afim de, em tôrno dela, realizar uma reforma social (250). Augusto Comte reconhece que, “desde que o destino orgânico da crise final tornou-se bastante apreciável, o instinto revolucionário impele mais para comunismo do que para o individualismo, posto que estas duas tendên-

(246). — COMTE (A.). — *ob. cit.*, p. 146.

(247). — COMTE (A.). — *ob. cit.*, p. 148.

(248). — CORNU (A.). — *Utopisme et Marxisme*, in *À la Lumière du Marxisme*, vol. II, p. 127.

(249). — *Ibidem*.

(250). — “O principal vício da situação moderna, resulta da traição da inteligência que, sonhando um ambicioso domínio, se coloca ao serviço da força, concentrada ou dispersa, em vez de subordinar-se à influência moral” (A. COMTE, *Apêlo aos Conservadores*, p. 198).

cias possam convergir contra o domínio dos conservadores” (251). No entanto, estas tendências cessarão de coexistir logo que o positivismo conquistar o seu predomínio necessário, pois êste deve simultaneamente extinguir as duas aberrações (252). Todavia, enquanto isso não se dá, o que os conservadores devem fazer é conquistar, de preferência, o apôio dos comunistas do que o dos individualistas. Conquanto o comunismo deva hoje parecer mais anárquico do que o individualismo, por ser mais iminente, esta oportunidade pode indicar a transformação que êle esboça no instinto revolucionário, que assim se esforça para abandonar o caráter crítico a fim de tomar a atitude orgânica” (253). Mas, o positivismo, que tudo regula e rege, “fará em breve compreender aos melhores comunistas que a solidariedade conserva-se insuficiente, e até contraditória, quando não é subordinada à continuidade” (254). Dêste modo, crê Augusto Comte que os conservadores poderão encontrar um apôio contínuo entre os *dignos revolucionários* para poderem insialar a transição política que terminará subordinando a política à moral, como preconiza a doutrina positivista. O concurso dos comunistas para êsse fim será de alto valor, quando êles houverem aceito “suficientemente a ditadura, em virtude de uma digna renúncia à igualdade” (255). É suficiente — perspicazmente o diz Comte — que os conservadores deem maior importância ao espírito de conjunto nos fenômenos políticos do que ao espírito de detalhe... “O comunismo indica e prepara a transformação orgânica do instinto revolucionário, como já vimos. Conquanto esta doutrina pareça despreziciar radicalmente a separação dos poderes, esta aberração só é verdadeiramente incurável nos doutores, sempre propensos a desprezar o fim pelos meios. Mas o comunismo dispõe os proletários à admissão dessa base, tendendo a fazer prevalecer a moral sôbre a política, afim de instituir a disciplina que êle busca” (256). Serão os comunistas, na opinião de Comte, dêsse modo, excelentes auxiliares da transição política, pois que a burguesia, egoísta e frívola, não possui fôrças suscetíveis de regeneração; é por demais dominada por classes destinadas a se extinguirem” (257). Acresce ainda que, o “mau espírito revolucionário tença mais à burguesia do que ao meio popular, pelo menos na nação central. A principal oposição à concentração do poder e da riqueza, dimana daquêles que, conquanto não possam tornar-se patricios, não querem ser proletários... Um instinto confuso indica à burguesia que a regeneração ocidental exige que ela se extinga gradualmente, para transformar seus melhores chefes em verdadeiros patricios e a maioria dos seus membros em puros prole-

(251). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 149.

(252). — Ibidem.

(253). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 150.

(254). — Ibidem.

(255). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 154.

(256). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 156.

(257). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 157.

tários...” (258). Tal é o pensamento de Augusto Comte em relação as revolucionários.

Mas qual é a missão especial que deve caber aos positivistas? Seria impossível terminar a revolução, se não tivéssemos uma concepção geral do futuro humano baseada numa exata visão histórica. Durante o “período de inauguração, diz êle, — que poderá durar meia geração — todos os verdadeiros crentes (...) se limitarão a uma influência consultiva, ainda mesmo que o mando lhes seja oferecido (259). É que o positivismo só poderá ter êxito quando possuir suficiente ascendente político, isto é, quando tiver modificado a opinião pública, e quando, além disso, tiver regenerado os estadistas (260). Enquanto isso não se der, a função dos positivistas deve consistir apenas em esclarecer os conservadores. Tôda a longa história dos folhetos do *Apostolado Positivista do Brasil*, por exemplo, é uma nova prova de fidelidade a êsse preceito do Mestre.

Devem ainda os verdadeiros positivistas, dar um verdadeiro exemplo de respeito à Humanidade, acatando “tôda autoridade, civil ou política, quaisquer que sejam as mãos em que ela resida” (261). *A submissão é a virtude de leva à ordem ...*

A ditadura (262) há de ser, pois, na opinião de Augusto Comte, a guardiã inviolável da ordem e do progresso. Porá térmo ao parlamentarismo e, dêste modo, tirará ao regime burguês, o seu poder político. Monocrática e republicana, a ditadura procurará realizar a passagem do regime representativo para o ditadorial sem que a ordem sofra alteração. Importa que “esta transformação seja sempre instituída de cima, sem provir de uma insurreição. O principal destino dela exige, por tôda parte, uma plena renúncia à violência, para estabelecer, entre os governantes e os governados, o livre pacto que deverá gradualmente trazer uma conciliação durável entre duas necessidades simultâneas” (263). Para conseguir essa conciliação e evitar-se a insurreição, devem os políticos desenvolver um programa social decisivo, que impeça aos governados simpatizarem com quaisquer perturbações. “Tôdas as tentativas operadas até aqui para sair irrevogavelmente de uma viciosa constitucionalidade, — escreve Augusto Comte — têm sido mais ou menos comprometidas por uma atitude retrógrada” (264). Sômente o positivismo poderá proclamar a plenitude do mando, sem suscitar reclamações sérias; sômente a doutrina científica que o posi-

(258). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 158.

(259). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 164.

(260). — Ibidem.

(261). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 165.

(262). — O problema político que surgiu para o positivismo com o golpe de estado do príncipe Napoleão Bonaparte, foi, como é sabido, um dos motivos da cisão entre o positivismo ortodoxo e a dissidência chefiada por Littré. Comte, coerente com seus escritos de mocidade, aceita a ditadura e julga encontrar nela vantagens para o progresso da humanidade, desde que, — é claro, — essa ditadura esteja nos moldes que êle, Pontífice da Humanidade determinar (Cf. JORGE LAGARRIGUE, *La Dictature Republicaine d'après Auguste Comte*.

(263). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 170.

(264). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 171.

tivismo preconiza pode substituir a metafísica do parlamentarismo. “Sem admitir as subtilezas metafísicas que distinguem as leis, dos decretos ou esse poder deve assim concentrar todo o governo, conservando apenas uma assembléia puramente financeira para o voto do orçamento. Mas, semelhante ditadura, pode, além disso, obter uma extensão capital, necessariamente incompatível com a hereditariedade monárquica, introduzindo a transmissão sociocrática. A livre escolha do sucessor, que por toda a parte distinguirá a sociocracia da teocracia, já é possível aos governos cuja atitude garanta o progresso” (265). Dêste modo o Ocidente poderá livrar-se do jugo dos demagogos e da ditadura aristocrática que, como na Inglaterra, se baseia na hipocrisia teológica (266). “O progresso humano, — diz Augusto Comte ao terminar o seu *Apêlo aos Conservadores* — consiste sobretudo em modificar, cada vez mais, o *reino necessário do poder material, mediante o concurso crescente entre o coração e o espírito*. Assim, o principal vício da situação moderna resulta da traição da inteligência que, sonhando um ambicioso domínio, se coloca ao serviço da força em vez de subordinar-se à influência moral” (267).

Acentuamos, mais de uma vez, a importância que a noção de ordem assume no positivismo. Sob este aspecto, o filósofo pertence, como diz Paul Labérenne, “à burguesia que parece tão longe dêle e que vivia no temor da *hidra da anarquia* e que, mais lógica do que êle (Comte) não hesitou em afogar implacavelmente no sangue toda revolta operária...” (268).

* * *

Augusto Comte exigê sempre, bases e princípios para a sociedade. Gaston Milhaud já notava que havia em Augusto Comte um verdadeiro dogma... Tendo repellido as tradições teológicas, êle só podia fundamentar a ordem na experiência. Era mister, pois, que esta, por sua vez, conseguisse estabelecer princípios definitivos e leis imutáveis” (269). Paul Labérenne acrescenta ainda que Augusto Comte, depois de apresentar “notáveis esboços e perspectivas profundas e originais, põe-se bruscamente a pensar sôbre o progresso das ciências, o papel das mulheres, a igualdade social (de modo tão vulgar, como o faria qualquer comerciante de sua época. A algumas audácias de pensamento, sucedem logo idéias cujo tom banal e sentencioso lembra lamentavelmente o tom do *Constitucional*. Embora esta estranha mistura, deixe intacta a simpatia que podemos sentir por Augusto Comte, cuja sinceridade, cuja ingenuidade,

(265). — COMTE (A.). — ob. cit. p. 171/173.

(266). — COMTE (A.). — ob. cit., pp. 172 e 188.

(267). — COMTE (A.). — ob. cit., p. 198.

(268). — LABÉRENNE (Paul). — *Efficacité Politique et Sociale du Positivisme et du Marxisme*. in *La Lumière du Marxisme*, vol. II, p. 121.

(269). — MILHAUD (Gaston). — *L'Idée de l'ordre chez Auguste Comte*, in *Revue de Métaphysique et de morale*, 1901, p. 539.

está fora de qualquer dúvida, ela enfraquece, porém, enormemente o valor efetivo e o interesse atual de sua obra” (270).

De fato, o pensamento de Augusto Comte, está ligado “à ideologia dessa fração da burguesia que representou um papel político muito importante durante os anos em que o fundador do positivismo elaborava o seu sistema e que se poderia, de um modo grosseiro, qualificar de liberal democrática. A atividade desta burguesia liberal, em que numerosos antigos alunos da Politécnica ocupavam um lugar de primeira plana, foi particularmente intensa no fim do reinado dos Bourbons e no princípio do reinado de Luiz Felipe, no período de transição que separa 1830 dos pródromos da revolução de 1848, isto é, na época em que Comte tomou parte efetiva na vida pública. Sua principal palavra de ordem, simplificando um pouco as cousas, era: *nem restauração, nem revolução*, isto é, uma palavra de ordem fundamentalmente conservadora sob o ponto de vista social e que tendia, antes de mais nada, a consolidar as vantagens conquistadas em 1789 e que, no entanto, procurava evitar que se atribuisse um caráter reacionário ao domínio da burguesia. Pode-se dizer que Comte procurou, inútilmente, conciliar a sincera simpatia que a sua origem pequeno-burguesa — e talvez também a sua vida íntima, um pouco romântica e à margem da *boa sociedade* — o impelia a ter pelo proletariado, com o temor que lhe causava uma igualdade possível e total em relação a esse mesmo proletariado” (271). “Igualmente sincera e entusiasta era a sua admiração pelo poder e pela ordem que a grande burguesia estava imprimindo, como êle assistia, ao regime industrial e cujo domínio, que êle acreditava que poderia ser temperado pela influência dos filósofos. E’ a existência dessa profunda contradição que melhor permite explicar o aspecto tão francamente contraditório do seu pensamento. Podemos dizer que a impossibilidade em que Comte se encontrava para resolver praticamente esta contradição, é uma das causas de sua fuga para o utopia e de sua queda final no misticismo” (272).

Grande pela inteligência, respeitável pelas generosas intenções em relação à Humanidade, Augusto Comte infelizmente acabaria perdendo, em benefício de uma abstração, a exata visão dos problemas do homem.

J. CRUZ COSTA

Professor da Cadeira de Filosofia
(U. S. P.)

(270). — LABRIENNE (Paul). — ob. cit., p. 122.

(271). — Ibidem, pp. 122/123.

(272). — Ibidem, p. 123.